



O Olhar da Bioética no Jornalismo Científico em Mato Grosso do Sul: Estudo de Caso do Telejornal MS Rural

Willem Fernandes de Almeida¹
Gladis Saete Linhares Toniazzi²

Resumo

A bioética é uma disciplina em evidência no cenário científico internacional que, com a expansão de suas linhas de estudo, aborda questões sobre as conseqüências do desenvolvimento científico para o meio ambiente, a humanidade e o futuro da vida no planeta. Este trabalho apresenta a relação dos princípios bioéticos na prática do jornalismo científico, por meio da análise de doze edições do programa telejornalístico MS Rural, exibido pela TV Morena, emissora afiliada da Rede Globo em Mato Grosso do Sul. Com o levantamento bibliográfico sobre ética, bioética e mídia, na presente pesquisa são argumentadas de forma descritiva, a consciência, a aplicabilidade e as implicações da presença de princípios bioéticos referentes à biociência, à sanidade, aos ecossistemas e à sociedade na prática do jornalismo.

Palavras-chave: Bioética; Mídia; Jornalismo; Televisão.

Recebimento: 12/11/2009 • Aceite: 08/04/2010

¹ Jornalista graduado pela UNIDERP, mestrando em Televisão Digital: Informação e Conhecimento na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), e-mail: willemfa@gmail.com

² Doutora em Comunicação Social (UMESP). Coordenadora pedagógica da Faculdade Interativa COC, e-mail: gladislinhares@gmail.com

The approach of bioethics in scientific journalism in Mato Grosso do Sul: a case study of rural Telejornal MS Rural

Abstract

Bioethic is an evidence discipline on the international scientific scene that, with the expansion of its study lines, approach questions about the consequences of scientific development to the environment, the humanity and the planet's life future. This paper explain about the relation of bioethical principles in the practice of scientific journalism, through the analysis of twelve editions of MS Rural, a TV program shown on TV Morena, affiliated broadcast of Rede Globo in Mato Grosso do Sul. By means of the bibliography survey on ethics, bioethics and media, this research argue in a descriptive way, the conscience, the applicability and the implications of the incidence of bioethical principles associated with bioscience, sanity, ecosystems and the society on the journalism practice.

Keywords: Bioethic; Media; Journalism; Television.

Introdução

Quando se trata de jornalismo científico, a presença de conflitos de inúmeras naturezas nas abordagens noticiosas é comum, pois na ciência, o debate e a apresentação do novo fazem parte da essência de qualquer pesquisa e trabalho. Sendo assim, o jornalista acaba tendo que lidar com inúmeros fatos em que a ética entra em pauta.

As normativas éticas do jornalismo, como verificado nesta pesquisa, são, ao mesmo tempo, insuficientes para que o profissional da imprensa trate de forma neutra a maioria das informações e fatos noticiosos, principalmente referentes à ciência, que pede por uma abordagem mais reflexiva e cuidadosa.

Tratando diretamente dos conflitos relacionados à ciência, surgiu a bioética. Suas diretrizes filosóficas começaram a se formar logo após a tragédia do holocausto, durante a Segunda Guerra Mundial. Entretanto, o termo bioética, que no grego significa “ética da vida” (*bioethos*), foi mencionado pela primeira vez em 1970, nos Estados Unidos, pelo oncologista e biólogo Van Ressenlaer Potter, considerado o precursor deste estudo interdisciplinar.

Por se tratar de uma ética aplicada, a bioética tem uma abordagem que passa entre, além e através de inúmeras disciplinas, buscando a compreensão da complexidade destas. Devido a isso, a bioética passa por constante revisão e atualização. Este contexto se justifica pela expansão da bioética em seu campo de estudo e ação, inicialmente da biociência e da biotecnologia, atingindo hoje questões como qualidade de vida, escassez de recursos sanitários, prevenção da biodiversidade, o cuidado para com a finitude dos recursos naturais planetários, o equilíbrio do ecossistema, a questão dos alimentos transgênicos, além dos direitos humanos e da cidadania. A bioética exige também o estímulo à participação direta da sociedade civil em discussões que visam o bem-estar das pessoas na relação entre comunidades, assim como, a participação em temas sócio-políticos, como os relativos às discrepâncias sociais e econômicas.

Sendo assim, também aborda ações pertinentes ao jornalismo, sendo ele científico ou não, já que este estudo interdisciplinar permeia praticamente todas as relações que envolvam a vida e seu futuro no planeta.

Este trabalho aborda justamente a percepção entre o jornalismo e a bioética na prática do jornalismo científico, tendo como referência a análise de um produto com viés-científico na imprensa sul-mato-grossense.

A ética e o jornalismo

Autores que abordam o tema da ética profissional deixam clara a evidência imperativa de que toda profissão formule uma deontologia e postulados éticos. No jornalismo não é diferente, assim como em todas as atividades referentes à mídia. Entretanto, como indaga Eugênio Bucci (2000, p. 9), “[...] no jornalismo o que existe é ética ou etiqueta?”. É comum notar que o debate em torno do comportamento da imprensa parece se reduzir a um receituário de boas maneiras. Hoje a “imprensa saudável”, escreve Bucci (2000, p. 9), “[...] é o império da boa educação”.

Situações fraudulentas e que fogem aos preceitos éticos acabam por permear o cotidiano da imprensa, devido à expansão dos meios e tecnologias, assim como, pela lógica do mercado capitalista, aos interesses econômicos e políticos, sejam eles pessoais ou coletivos. Claude-Jean Bertrand (1999) destaca que a mídia faz parte do complexo sistema social dos países modernos e de seus inúmeros subsistemas isso, explica que, mesmo num regime liberal, a autonomia da mídia seja limitada. Para ele, a mídia moderna é a expressão de sua tripla natureza: como indústria cultural, como serviço público e como instituição política, portanto ambígua, de onde nascem a maioria dos conflitos éticos.

Quanto ao exercício do jornalismo, Bertrand (1999) aponta que a mídia determina a ordem do dia da sociedade, não pautando sobre o que as pessoas vão pensar, mas decidindo *no que* elas vão pensar. “O que ela (mídia) não diz tem mais influência do que ela diz”, completa Bertrand (1999, p. 28).

É evidente que há jornalistas que se preocupam com a preservação de um limiar ético na imprensa e a profissão apresenta códigos e sanções éticas. Mas também é habitual, assim como afirma Bucci (2000), perceber os pecados da imprensa. Neste sentido, dentro dos estudos éticos existem também outras disciplinas com especificidades em determinadas áreas sensíveis. Uma destas é a *bioética*, que enfoca questões referentes à vida humana, tendo a vida e o viver (em sociedade) como objeto de estudo.

A comunicação midiática tem papel fundamental em todo processo de desenvolvimento, preservação e conscientização social. Para que esta responsabilidade e esta consciência tragam reflexos concretos na sociedade, o primeiro passo é, justamente, conhecer a bioética para, posteriormente, compreender a relação da mídia com a bioética na prática jornalística.

Bioética: origem, princípios e avanços

A bioética ainda é uma disciplina pouco conhecida no âmbito coletivo, mas que cresceu e ganhou importante respeito nos meios acadêmicos e científicos, por apresentar uma linha ética pertinente e flexível no prisma social, o que, até então, era uma carência suprida por meros discursos teóricos.

O neologismo “bioética” nasceu em 1970, nos Estados Unidos, no artigo *The science of survival*, escrito por Van Ressenlaer Potter. Nos anos de 1980, a bioética se difundiu pelos diferentes continentes, e na década de 1990 se consolidou por todo o mundo. (KOTTOW, 2006)

Desde o princípio, a bioética teve um duplo enfoque: geral, a partir do ponto de vista de Potter (1971), que incluía todas as questões relacionadas com os fenômenos vitais, dos seres humanos ao meio ambiente como um todo, e também o enfoque particular, que abrange, basicamente, a questão da saúde e da biociência.

A bioética chega ao início do século XXI com uma visão ampliada sobre os problemas relacionados à vida humana. Este resgate ocorreu especialmente depois das discussões referentes à Bioética Global, que aconteceu em 1998, no 4º Congresso Mundial da *International Association of Bioethics (IAB)*, realizado em Tóquio, no Japão. Entre outros assuntos, a discussão incluía diferentes temas que compreendem desde as aplicações do desenvolvimento científico e tecnológico (técnicas reprodutivas, a genômica e os transplantes de órgãos), passando por questões relacionadas com o meio ambiente, a biodiversidade e o ecossistema, assim como problemas historicamente persistentes, referentes à vida cotidiana das pessoas, países e coletividades (aborto, eutanásia, exclusão social, distribuição de recursos públicos, discriminações em geral, dentre outros temas). (GARRAFA, 2006)

A UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – foi o primeiro organismo do sistema das Nações Unidas (ONU) a demonstrar grande interesse na bioética, com a criação, em 1993, do Programa de Bioética e de uma Divisão de Bioética dentro das grandes áreas das Ciências Sociais e Humanas. Passados pouco mais de 30 anos de sua criação, a bioética teve desenvolvimento significativo por todo o mundo, especialmente nos países da América Latina e do Caribe.

Segundo Sgreccia (2002), a bioética tem hoje três diferentes momentos configurados: a bioética global, a bioética especial e a bioética clínica. Todavia, independente de qualquer ponto divergente, todos convergem em que a bioética existe como tentativa de reflexão a

respeito de todas as intervenções do homem sobre os seres vivos e sobre si próprio, sendo uma reflexão que se propõe a um objetivo específico e árduo: o de identificar valores e normas que guiem o agir humano, a intervenção da ciência e da tecnologia sobre a própria vida e sobre a biosfera.

No texto de Beauchamp e Childress, foram formulados quatro princípios: beneficência, não-maleficência, autonomia e justiça. Esta é então, a bioética principialista de Georgetown, que foi mais bem aceita nos países de língua inglesa, mas desde o início, sofreu muitas críticas, sendo atacada por seu dedutivismo abstrato e seu fundamentalismo alheio à diversidade de culturas e valores. (TEALDI, 2006)

Levando em consideração a realidade socioeconômica e cultural, parece pouco provável que seja possível estabelecer um princípio ético de validade geral em uma população que se caracteriza por enormes desigualdades em qualquer parâmetro avaliado, como é o caso da realidade vista na América Latina e no Caribe. Com essa clara visão, levando em consideração a bioética de proteção, das discussões de bioética na América Latina (*Redbioética*) emergiram posições que ultrapassam os limites das disciplinas, que são culturalmente mais vastas e politicamente mais ambiciosas que uma reflexão principialista disciplinada e acadêmica. (KOTTOW, 2006)

Os princípios latino-americanos de bioética, expostos por Kottow (2004), nasceram por meio das necessidades e especificidades éticas de seis países ativos e importantes no contexto latino-americano. Os seis princípios, emergidos desta clara visão realista e preocupada com os interesses da maioria desamparada, são: uma bioética compromissada como atitude confrontacional para aliviar a pobreza e as injustiças (Brasil), que defende o respeito pelos direitos humanos (Argentina), a solidariedade social sob a proteção de um Estado forte (Cuba), a depuração de políticas públicas corruptas (México), a recuperação do diálogo civil (Colômbia), e o desenvolvimento de uma ética de proteção à serviço dos vulneráveis (Chile).

Basso (2006) questiona se o problema quanto à aplicabilidade dos princípios gerais de Georgetown está nos princípios em si ou na utilização que se faz deles. Pensando desta forma, é possível unir os princípios gerais com os princípios específicos que respeitem culturas e sociedades particulares, no caminho do equilíbrio racional que Potter (1971) idealizava referente ao sonho do equilíbrio ético, respeitando as diferenças e especificidades socioeconômicas, culturais e religiosas, visando sempre o princípio primordial, que é o bem estar futuro e a preservação da vida em todo coletivo humano.

Bioética, mídia e jornalismo científico

A mídia, em especial a televisão – objeto de estudo deste trabalho –, apresenta inúmeras características particulares que precisam ser entendidas em sua estrutura e programação. Duarte (2006) avalia que a comunicação televisiva ocorre hoje de duas formas: *intra* e *inter* sociedades e culturas. Desta forma, configura-se como o meio pelo qual acontece a integração a si mesma como espetáculo. Duarte (2006, p. 19) diz que:

Os dispositivos institucionais e tecnológicos próprios da televisão são capazes de apresentar, a um número cada vez maior de telespectadores, os múltiplos aspectos da vida social, sendo responsável pelo surgimento de sensibilidades, éticas e estéticas.

Refletir sobre gêneros e formatos televisivos, assim como o contexto contemporâneo da mídia são, portanto, os objetivos desta conversa introdutória.

Categorias, Gêneros e Formatos

Todo processo de comunicação da televisão se materializa através dos textos, e desta forma, os produtos visuais, cuja característica principal é a complexidade e a hibridação. Para compreender este processo permanente de apropriação da *gramática* da televisão em relação a outras mídias, o conceito de gêneros e formatos são peças-chaves. Martín-Barbero (apud DUARTE, 2006) escreve que as lógicas do sistema produtivo e as lógicas dos usos são mediadas pelos gêneros, cujas regras instituem os diferentes formatos e ancoram o reconhecimento cultural dos sentidos desses produtos pelos grupos.

Antes de falarmos especificamente de gêneros e formatos é importante conhecer também as definições de categorias. A divisão dos programas em categorias inicia o processo de identificação de qualquer produto de televisão, e isso se dá seguindo o conceito industrial assumido pelo mercado de produção. Segundo Souza (2004, p. 39), “[...] qualquer que seja a categoria de um programa de televisão, ele deve sempre entreter e pode também informar”.

Os gêneros televisivos, conforme Duarte (2006) parecem ser macroarticulações de categorias semânticas capazes de abrigarem um conjunto amplo de produtos televisivos que partilham umas poucas categorias comuns.

A classificação tanto de categoria quanto de gêneros em televisão sempre vem acompanhada de um conceito com poucas referências científicas, sendo este, o conceito de formato, explicado por Souza (2004, p. 45). “A todo gênero de um programa associa-se diretamente um formato”, afirma. Formato, no entanto, são as características gerais de um programa de televisão, sua forma geral e seus aspectos.

Mídia: Informação e Verdade

Como ressaltam os pesquisadores da área, a TV converte o mundo em fatos imediatamente acessíveis ao cotidiano planetário, mas, ao fazer isso, ela não só pauta o que é realidade, como reduz o real ao discurso, construído na inter relação de diferentes sistemas semióticos e midiáticos. Duarte (2006, p. 24) reflete: “em primeiro lugar, valeria questionar, que verdade pode pretender a televisão?”. A pesquisadora responde que sempre existiu um real para quem e para além, apesar das linguagens e, hoje, das mídias.

As realidades televisuais são todas fruto de uma construção discursiva fragmentada, parcial, instituída a partir de diferentes fontes e referências e da proposição de diferentes regimes de crença: são concebidas como uma sucessão de itens, de forma a satisfazer interesses e curiosidades do telespectador. (DUARTE, 2006, p. 25)

Indo além da televisão, sobre a contemporaneidade midiática e seus reflexos nas sociedades, Martín-Barbero (2006) observa questões relevantes:

[...] A ruptura da narração e a preeminência do fluxo de imagens que aí se produzem encontram sua expressão mais certa no *zapping* com o qual o telespectador, ao mesmo tempo que multiplica a fragmentação da narração, constrói com seus pedaços um outro relato, um duplo, puramente subjetivo, intransferível, uma experiência incomunicável. Estaríamos aproximando-nos do final do percurso que W. Benjamin vislumbrou ao ler no declive da narração a progressiva incapacidade dos homens para compartilhar experiências. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 75)

A informação, como se sabe, é poder. A comunicação, pois, é contrapoder. A capacidade de mudar o fluxo de informação a partir da capacidade autônoma de comunicação realça substancialmente a autonomia da sociedade com respeito aos poderes estabelecidos. Contrapondo a isto, a reapropriação por parte da sociedade conta agora com meios poderosos como a internet, as redes globais de comunicação, o acesso à informação em código aberto, o advento da TV

e rádio digital, além dos processos de cooperação múltipla e a comunicação móvel. (CASTELLS, 2006)

Como contrapoder, a atuação consciente dos profissionais da mídia torna-se cada vez mais crucial. E, neste sentido, atuar com ética, responsabilidade e dignidade, deveria ser ao menos, a bandeira das redações jornalísticas na nossa era – a era da informação³.

A Fábula do Jornalismo Científico no Brasil

A ciência no Brasil é algo deixado de lado pelos governos e pouco entendida pela população, segundo Bonalume Neto (2002, p. 133), os meios de comunicação também não dedicam muita atenção a ciência, tentando refletir a sociedade e o que interessa a ela. Ele relata: “[...] basta examinar o espaço dedicado a notícias científicas. Qualquer cantor de rock com sucesso moderado tem muito mais importância para a imprensa, para não falar de jogadores de futebol”.

Outro entrave na prática do jornalismo científico é a questão do espaço na mídia, como adverte Bonalume Neto (2002, p. 134):

[...] Para azar dos cientistas e dos jornalistas que se atrevem a escrever sobre ciência, muito do que se faz é difícil de explicar ao leigo. Os avanços são rápidos e estão deixando para trás a capacidade da população de entendê-los. Uma notícia em televisão é medida em segundos. Em jornal, são muitas vezes algumas dez ou vinte linhas de texto. Como explicar então algo como “ribozimas”, para um público que primeiro tem que entender o que é DNA? Ou falar em *quarks* e buracos negros tendo primeiro que entender física quântica e teoria da relatividade?

Alvim (2003) analisa que ao esforço já desenvolvido pelo jornalismo científico devem-se somar ações de educação da ciência com o intuito de ampliar e adequar as atividades de difusão do conhecimento científico para os mais diversos públicos que, cada vez mais, exigem conhecer e usar os avanços da ciência no seu dia-a-dia.

No caso específico da imprensa sul-mato-grossense não foi localizada nenhuma produção, seja escrita, eletrônica ou audiovisual que exerça de forma específica a prática do jornalismo científico, conforme as características apontadas até aqui. Há, no entanto, espaços na imprensa local que apresentam textos e matérias com viés-científico e, dentre estes, o programa telejornalístico semanal, MS Rural, exibido aos sábados pela Rede Matogrossense de Televisão, é o que, segundo as demandas da pesquisa, apresentou as características

³ Expressão utilizada por Manuel Castells em artigo do livro *Sociedade Midiatiza*, 2006.

mais próximas do ideal. Neste parâmetro, é definido como programa com viés-científico, pois, além de abordar questões referentes ao mercado do agronegócio em Mato Grosso do Sul, exibe, em contrapartida, reportagens sobre pesquisas científicas realizadas no setor agrícola, assim como questões ambientais, sanitárias, tecnológicas e sociais. A bioética, pois, ancora questões éticas pertinentes a essas interdisciplinas (meio ambiente, saúde, tecnologia e sociedade).

Este trabalho analisou a abordagem bioética desses temas nas reportagens veiculadas em doze edições, divididas por dois períodos de estudo. As entrevistas semi-abertas realizadas com a equipe da produção, no entanto, agregam ao embasamento qualitativo da pesquisa.

MS Rural: Agronegócio, Tecnologia e Meio Ambiente

Produzido e transmitido pela TV Morena, cabeça de rede em Mato Grosso do Sul e emissora da Rede Matogrossense de Televisão (RMT), afiliada da Rede Globo, o MS Rural é um programa informativo e temático (categoria), de gênero telejornalístico, no formato noticioso que aborda questões referentes ao agronegócio, meio ambiente, curiosidades rurais e pesquisas científico-tecnológicas do setor.

A Rede Matogrossense de Televisão (RMT) é uma empresa integrante do Grupo Zahran, fundado em 1955 por Ueze Elias Zahran e Eduardo Elias Zahran. A RMT nasceu em 1965, com a primeira emissora, a TV Morena, na cidade de Campo Grande em Mato Grosso do Sul, atualmente é composta por oito emissoras localizadas nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul⁴. (TONIAZZO, 2007)

A vocação agropecuária de Mato Grosso do Sul deu origem ao programa MS Rural, em junho de 1984, sob o comando de Osmar Bastos, sendo exibido inicialmente aos domingos, com duração de meia hora. Desde então, o programa evoluiu na grade da emissora e começou a ser exibido aos sábados, às 7 horas e reprisado aos domingos, às 6 horas.

Henrique Shuto (2008)⁵, editor-executivo e gerente de jornalismo interino da TV Morena, explica que a grade dos programas locais da emissora é composta por quatro programas diários, sendo estes três telejornais. Além destes, são produzidos dois programas semanais, o *Atualidades* e o *MS Rural*. “Para a emissora, o MS Rural é

⁴ Dados sujeitos a alteração.

⁵ Entrevista concedida ao autor no dia 15 de maio de 2008.

um programa muito importante devido ao contexto econômico em que Mato Grosso do Sul se encontra, tendo grande relevância nacional nas questões agrícolas e de pecuária”, explica Shuto.

A atual equipe do MS Rural é composta basicamente por um editor-chefe, Osmar Bastos, e uma editora-executiva, Camila Caires, sendo estes também os apresentadores do programa⁶. Toda redação da TV Morena, entre produtores e repórteres, trabalha também para o MS Rural. Não há, uma equipe específica de produção e reportagem para um único telejornal, já que, segundo informações de Camila Caires⁷, não há demanda para isso no Estado, e a emissora estrutura todos os programas de sua grade desta forma. (CAIRES, 2008)

Método

O estudo de caso do MS Rural foi dividido em dois períodos distintos, a saber, nos meses de novembro e dezembro de 2007 e fevereiro e março de 2008, por serem períodos eleitos como os mais adequados à análise dos programas, devido a não-alteração do formato neste período e por ser um momento relevante para as produções agrícolas no Estado, fomentando assim a produção do programa.

Foram gravados, então, seis edições do MS Rural em cada etapa, somando ao todo, doze exibições. A justificativa da opção de analisar dois períodos distintos do programa é que, qualquer resultado ou conclusão obtida em um estudo de caso será muito mais convincente e precisa se estiver baseada em momentos distintos e com variação de informações e conteúdos, seguindo o modelo denominado corroboratório. (YIN apud LEITE, 2005)

No primeiro período foram gravados: o programa exibido no dia 24 de novembro e os programas exibidos nos dias 01, 08, 15, 22 e 29 de dezembro de 2007, compreendendo, então, seis edições. Na segunda etapa foram gravados: os programas exibidos nos dias 02, 09, 16 e 23 de fevereiro e os programas exibidos em 01 e 08 de março de 2008, completando, assim, doze edições. Em todas as datas elencadas, foram gravados programas exibidos aos sábados.

⁶ Informações sujeitas à alteração. Dados fidedignos ao período fechamento da pesquisa, datando de junho de 2008.

⁷ Entrevista concedida ao autor no dia 14 de maio de 2008.

Resultados e discussão

Durante os períodos analisados foi observado que a estrutura do programa MS Rural é formada por três blocos com duração de 7 à 9 minutos, com dois intervalos. Quanto ao tempo de exibição, sem contar os comerciais, o programa tem duração total de 23 minutos. O programa também é composto por seis quadros, sendo estes: *Hora da Prosa*, quadro em formato de entrevista, aleatório na programação, sendo exibido quinzenalmente, geralmente no segundo bloco e sempre agregado à algum tema factual que demande maior espaço para explicação de assuntos complexos; *Som do Campo*, em formato de entrevista (um ou mais entrevistados) e também aleatório, sendo exibido sempre no último bloco; *Previsão do Tempo*, no formato tradicional do quadro, estando sujeito às necessidades agrícolas do período; *Agenda Cultural*, quadro fixo e no formato de nota coberta com arte; *Culinária*, fixo e em formato de reportagem; e o quadro *Cotação*, também fixo e sempre exibido no contexto geral do programa, em alguns casos, mais de uma vez por edição, em formato de nota coberta com gráficos e números. (CAIRES, 2008)

Constatou-se que em alguns programas são exibidos dois ou mais quadros na mesma edição, tendo, no entanto, algumas edições compostas por somente um quadro. O quadro *Cotação*, porém, foi o único exibido em todas as edições estudadas. O quadro *Agenda Cultural*, que também é fixo, não foi exibido em todas as edições. O quadro *Culinária*, que também é classificado pelos editores do programa como fixo, é sempre exibido no último bloco, podendo, em casos excepcionais, deixar de ser exibido, em consequência de prioridades factuais para compor a grade de cada edição, por se tratar de um quadro longo, variando de 2 à 5 minutos de duração. (CAIRES, 2008)

Em cada edição são exibidas de 3 à 7 reportagens, variável conforme a organização por prioridades factuais da edição. É importante dizer que, dentre estas reportagens, algumas são em formato de quadros especiais, como é o caso do *Hora da Prosa* e do *Culinária*, o que justifica alguns programas apresentarem um maior número de produções em formato de reportagens do que outros.

[...] A reportagem do MS Rural deve ter a linguagem do produtor, deve ser mais coloquial. A intenção é prender a atenção do público-alvo, que é o homem do campo. O MS Rural é um programa de jornalismo rural, com viés-científico porque a tecnologia para o produtor é tudo. A linguagem para abordar esses temas científicos também deve ser específica para o produtor com o intuito de que as informações sejam compreendidas com maior facilidade, aumentando o

aproveitamento prático das questões técnicas abordadas. (CAIRES, 2008)

Na estrutura dos blocos, observa-se que o primeiro é composto principalmente por reportagens factuais sobre agronegócio e assuntos em evidência no contexto rural, seguidas de comentários em estúdio. O segundo bloco segue a mesma linha, apresentando, no entanto, uma frequência maior de reportagens sobre tecnologia e pesquisa. O terceiro bloco é mais livre, buscando apresentar um caráter mais leve com conteúdos variados, sendo caracterizado pela incidência de quadros especiais.

Nos doze programas analisados, no período de novembro/dezembro de 2007 e fevereiro/março de 2008, foram exibidas ao todo 63 reportagens no MS Rural. No primeiro período (2007), foram veiculadas 28, e no segundo período (2008), 35 reportagens. Nos dois períodos foram contabilizados como “reportagens” também os quadros *Culinária*, *Hora da Prosa* e *Som do Campo*. O quadro *Culinária* por apresentar características de matérias telejornalísticas, com entrevistados, locução coberta por imagens (*off*) e passagem do repórter, em alguns casos. O quadro *Hora da Prosa* por apresentar conteúdos referentes aos temas elencados, por meio de entrevistas que debatem temas factuais e complexos. Já o quadro *Som do Campo*, por apresentar formato de entrevista e ocupar um espaço significativo nos programas em que foi exibido.

Caracterizar, no entanto, a relação da bioética com a comunicação se faz necessária neste momento, para se chegar a etapa do estudo em questão, referente ao contexto bioético presente no jornalismo praticado no MS Rural, por meio das reportagens veiculadas nos dois momentos de análise.

A Bioética na Comunicação Por Meio da Prática Jornalística

Apresentar uma estruturação do discurso bioético referido à comunicação e à linguagem não é uma tarefa fácil. Guillermo Hoyos Vásquez e José Eduardo de Siqueira⁸ contribuíram de forma brilhante ao debate desse tema.

Contudo, antes de analisar a bioética no jornalismo é importante observar, como aponta Nalini (2001), que pelo tempo e pelo uso excessivo e impensado, algumas expressões tiveram sua compreensão clara comprometida no âmbito social, especialmente na

⁸ Ensaios de Vásquez e Siqueira sobre *A estruturação do discurso bioético I: comunicação e linguagem* no livro *Bases conceituais de bioética: enfoque latino-americano*, 2006.

mídia, como é o caso dos vocábulos *justiça, liberdade, igualdade, solidariedade e ética*, sendo que todos estes estão intrinsecamente conectados aos princípios bioéticos.

No prisma social e comunicacional, com a devida importância da mídia na alçada de expandir a bioética e seus princípios de forma responsável para os cidadãos e cidadãs livres que este trabalho observa a prática, consciente ou inconsciente, do olhar bioético no jornalismo científico. Sendo que, além dos princípios norte-americanos (Georgetown), a base fundamental do presente estudo é referido à bioética com enfoque latino-americano.

No estudo de caso, dentre as 64 reportagens exibidas nos períodos de análise do MS Rural foram selecionadas 18 matérias que abordam temas em discussão na pauta da bioética global sobre questões ambientais – cooperação, equidade e responsabilidade para com a biosfera – e sociais – direitos humanos, dignidade humana, justiça, honestidade, transparência, primazia da pessoa humana, consentimento informado, não discriminação, compartilhamento dos benefícios das pesquisas e transparência –, as quais apresentem características quanto à abordagem *bioética latino-americana* dos temas, baseando-se nos princípios bioéticos apontados no trabalho. As demais 48 matérias listadas abordam assuntos especificamente rurais, econômicas e sobre curiosidades do campo, contextos estes, que não retratam o olhar bioético da pesquisa.

Das 18 reportagens com conteúdo bioético verificadas nos dois momentos estudados, apontou-se que no período de fevereiro e março de 2007 foram elencadas 6 matérias das 29 exibidas, e, no período de novembro e dezembro de 2008, foram 12 reportagens entre as 35 transmitidas no período. Dos doze programas analisados, apenas os exibidos nos dias 01 e 22 de dezembro de 2007 não apresentaram nenhuma reportagem com abordagem de temas bioéticos.

Todas as 18 reportagens apontadas abordam, direta ou indiretamente, questões referentes à área de estudo pertinente à bioética global, especialmente no enfoque latino-americano dos temas. O meio ambiente, quanto à preservação e às preocupações com o ecossistema e seu futuro foram apontadas em 14 das 18 reportagens. Questões sociais, voltadas para a diversificação de práticas econômicas conscientes no setor do agronegócio, passando por questões políticas, sanitárias e humanitárias, todas no prisma de discussão da bioética, também foram verificadas em 4 matérias do total de 18. A maioria das reportagens tratou de forma superficial essas questões, podendo ter melhor explorado os temas, acarretando assim, mais benefícios e

informações aos telespectadores. Agora se faz necessária, então, a indagação do “por quê” deste fato.

Em entrevista, Caires (2008), afirmou que o MS Rural sempre busca mostrar projetos e trabalhos realizados sobre meio ambiente e sanidade animal. “O programa trabalha com a questão de responsabilidade social, por ser um princípio fundamental do jornalismo”, aponta Caires (2008).

Dentre as 18 reportagens apontadas, duas são referentes ao quadro *Hora da Prosa*, que tem o intuito de aprofundar discussões sobre temas pertinentes. Além do *Hora da Prosa*, o MS Rural também tem espaço para trabalhar com matérias especiais, maiores e mais aprofundadas, com o objetivo de abordar questões mais complexas.

Caires (2008) classifica como “especiais”, 7 das 18 reportagens bioéticas elencadas na pesquisa, referentes às seguintes retrancas: *Embalagens/Agrotóxicos*, *Expansão/Mercado*, *Usinas/Álcool*, *Café/Orgânico*, *Produtos/Orgânicos*, *Floresta/Eucalipto* e *Técnica/Silvipastoril*. Todas, exceto *Expansão/Mercado*, no entanto, tratam especificamente de questões bioéticas no prisma ambiental. Sobre estas sete reportagens, Bastos (2008) explica que:

A reportagem especial sobre a técnica silvipastoril (*Técnica/Silvipastoril*), que foi elencada nesta pesquisa por apresentar princípios bioéticos, é uma questão muito importante, factual, nova e palpitante. Digo isso porque os europeus e o mundo inteiro na hora em que for dito que o Brasil acabou com o problema da febre aftosa vai vir com um pacote exigindo o bem-estar animal. Não se admite hoje, por exemplo, que um produtor rural tenha numa gaiola de 50 por 50 centímetros, cinco galinhas ali dentro botando ovo todo dia. Na busca da produtividade, o ser humano acaba abusando do bem-estar animal, que é uma questão ética, do respeito à vida animal. No caso do gado, será exigido se esses animais estão sendo bem transportados e bem cuidados em todo processo, desde a engorda até o abate. O MS Rural, como fez nestas reportagens, irá buscar tratar destas questões para que os produtores se conscientizem disso, que é um trabalho, acredito eu, que vai mexer com a cultura agropecuária em geral.

A reportagem *Técnica/Silvipastoril*, citada por Bastos (2008), além de abordar questões referentes ao meio ambiente, fala também sobre a busca do conforto animal, que por meio da integração pecuária e floresta de eucalipto, pela técnica silvipastoril, trará benefícios, especialmente térmicos, para os animais. Questionados sobre a consciência da presença da bioética e de sua devida abordagem no exercício do jornalismo, Caires (2008) diz que:

[...] Se passa por uma visão bioética, eu acredito que não. Há um senso comum sobre isso, mas no dia-a-dia, o jornalista ainda não faz essa ligação com os temas que a própria bioética aborda amplamente. O que se faz é saber da conscientização em abordar questões ambientais, sanitárias e sociais, no entanto, sem haver essa consciência bioética.

Quanto ao conhecimento e ao interesse da bioética por parte da mídia e dos jornalistas, Bastos (2008) é categórico ao dizer que: “a questão é que o desconhecido naturalmente acaba não despertando interesse nas pessoas, o que acaba, então, negligenciando a relevância do tema”.

[...] A discussão da bioética certamente vai ter que entrar no dia-a-dia do jornalismo, mesmo que ela já esteja sendo praticada empiricamente. O ponto é que a bioética é uma ciência, um conceito novo e o que deve ser feito agora é buscar permeá-la no senso comum do meio jornalístico. (BASTOS, 2008)

A bioética, como uma disciplina nova, crescente e ainda pouco conhecida pelas pessoas, pede por divulgação e disseminação de seus estudos. A mídia, conhecendo, compreendendo e abraçando sua atuação em nível global poderá colaborar sensivelmente para uma maior eficiência e autoridade da bioética no meio científico e até mesmo político. Deste modo, Caires (2008) comenta o desconhecimento da bioética na prática do jornalismo científico em Mato Grosso do Sul, afirmando que:

[...] Apesar de trabalhar com bioética todos os dias, eu mesma não sabia que havia uma linha de estudo específico sobre esses assuntos. É de interesse de todas as partes que isso seja divulgado, especialmente na mídia que, com isso, transmitirá esses conhecimentos e práticas saudáveis e de respeito ao futuro global para todo o coletivo social. Hoje o mundo cobra isso das pessoas e da imprensa.

Buscar formas para que a bioética e a mídia – especialmente por meio do jornalismo – conversem, convirjam e atuem atreladas carece em tornar-se uma nova meta para os próximos passos da bioética global, possível através da busca constante pela equidade e pelo respeito mútuo entre povos, nações e culturas, assim como, entre a humanidade, o meio ambiente e os ecossistemas. Esta é uma consciência em prol da necessidade de olharmos ativamente para o futuro da ciência, da vida e da humanidade.

Considerações finais

A bioética almeja o equilíbrio da ciência com a sociedade e o meio ambiente em prol do bem-estar futuro e da preservação da vida em todo coletivo humano. Essa realidade converge com os princípios que estruturam a importância concreta da mídia, assim como do jornalismo, no mundo que hoje vive a Era da Informação.

No jornalismo, a informação, tenha ela o caráter que tiver, é produto de atos comunicativos e deve corresponder às finalidades do jornalismo de conscientizar, bem informar e estimular o debate de temas pertinentes na opinião pública. Os produtores e editores do MS Rural reconhecem a importância da bioética, de suas discussões e da presença de princípios bioéticos nas reportagens elencadas pela pesquisa. Em contrapartida, o conhecimento do tema é empírico e subjetivo. A abordagem de questões como biotecnologia e biociência, assim como, questões ambientais e sócio-políticas, ainda é insuficiente e derivada do senso-comum do jornalismo. O conhecimento bioético, portanto, pode auxiliar na ruptura do subjetivismo existente em muitas informações científicas presentes nas reportagens jornalísticas.

A atual convergência midiática deve chegar à análise social e cultural, com a capacidade de integrar a compreensão da tecnologia e seus progressos nos debates políticos e sociais mais avançados. A aliança da mídia com a bioética, junto às instituições de ensino e pesquisa, é certamente um caminho a se seguir na linha da bioética global e de proteção, em busca do diálogo e da autonomia das pessoas por meio do conhecimento.

Então, pensar na bioética, assim como são pensados hoje o aquecimento global, os conflitos políticos, a economia mundial e os fatos do dia-a-dia, poderá vir a ser, com responsabilidade, consciência e respeito, uma prática saudável e positiva tanto na mídia como, em consequência desta, na sociedade. Isso irá, excepcionalmente, colaborar para o bom-senso e para o exercício de práticas saudáveis em harmonia com a vida e com o planeta.

Referências

BASTOS, Osmar. **A bioética e o MS Rural**. Entrevista concedida a Willem F. de Almeida. Campo Grande-MS: 15 de maio, 2008.

BERTRAND, Claude-Jean. **A deontologia das mídias**. Bauru: EDUSC, 1999.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAIRES, Camila. **A bioética e o MS Rural**. Entrevista concedida a Willem F. de Almeida. Campo Grande-MS: 14 de maio, 2008.

DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de (Org.) **Televisão: entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio Teixeira de (Org.) **Comunicação para Ciência. Ciência para Comunicação**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003.

GARRAFA, Volnei; KOTTOW, Miguel; SAADA, Alya. (Org.) **Bases conceituais da Bioética: enfoque latino-americano**. São Paulo: Gaia, 2006.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling; FISCHMANN, Roseli (Org.) **Mídia e Tolerância: a ciência construindo caminhos de liberdade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002

LEITE, Francisco Carlos Trindade. **Aspectos de consistência metodológica em estudo de caso**. Campo Grande: Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal, 2004.

NALINI, José Renato. **Ética geral e profissional**. 3. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2001.

POTTER, Van Ressenlaer. **Bioética: ponte para o futuro**. São Paulo: Loyola, 1992.

SGRECCIA, Elio. **Manual de Bioética: fundamentos e ética biomédica**. São Paulo: Loyola, 2002.

SHUTO, Henrique. **A bioética e o MS Rural**. Entrevista concedida a Willem F. de Almeida. Campo Grande-MS: 15 de maio, 2008.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

TONIAZZO, Gladis Salete Linhares. **Caminhos da Informação na Rede Matogrossense de Televisão**. Campo Grande: Editora Uniderp, 2007.